



O tom poético nas produções de Raquel Naveira

The poetic tone in Raquel Naveira's Productions

Carolina Echeverria Carvalho¹

Zélia Ramona Nolasco dos Santos Freire²

Resumo: A literatura sul-mato-grossense se encontra em desenvolvimento, e desde a divisão do Mato Grosso da qual deu origem ao Estado de Mato Grosso do Sul ocorre um movimento voltado à afirmação de sua identidade cultural. Sabemos que uma das maneiras de se caracterizar a identidade de um povo é por meio das manifestações literárias produzidas em seu território. Diante desse processo, um dos objetivos desta pesquisa é apresentar produções literárias sul-mato-grossenses da escritora Raquel Naveira que muito contribui para refletir sobre a identificação cultural de um povo e de um lugar. Uma das temáticas recorrentes nas obras da autora sul-mato-grossense Raquel Naveira refere-se à figura feminina na sociedade patriarcal, a imagem conservadora da mulher no mundo pós-moderno, com isso, esse trabalho tem como foco o estudo comparado entre dois gêneros textuais produzidos pela escritora. Sendo eles: *Mulher Encostada na Vassoura* (1989) e o outro, *Vassouras* (2017), sendo o primeiro escrito em versos e o segundo produzido em prosa. Diante desses gêneros textuais, demonstrar-se-á a liricidade presente tanto no poema, como na crônica naveiriana, pois a poesia está nos olhos de quem a enxerga, o tom poético, além de presente num poema, também pode estar em outros tipos de textos, até mesmo numa paisagem, numa obra de arte ou numa canção. Para comprovar que um texto não precisa, necessariamente, ter sua estrutura em versos para que haja nele poesia, este trabalho apoia-se nas teorias de Salvatore D'Onofrio (1995), Octávio Paz (1982), José Guilherme de Merquior (1972), Giorgio Agamben (2002), Roman Jakobson (2003) e Marcos Siscar (2015). Apesar das oposições estruturais entre a prosa e a poesia, Raquel Naveira transmite poesia independente do gênero textual em destaque.

Palavras-chave: liricidade; poesia; prosa; Raquel Naveira.

Abstract: The literature from Mato Grosso do Sul is under development, and since the division of Mato Grosso from which originated the State of Mato Grosso do Sul there has been a movement towards the affirmation of its cultural identity. We know that one of the ways to characterize the identity of a people is through the literary manifestations produced in their territory. Given this process, one of the objectives of this research is to present the literary productions of Mato Grosso do Sul by writer Raquel Naveira, which contributes much to reflect on the cultural identification of a people and a place. One of the recurring themes in the works of the author of Mato Grosso do Sul Raquel Naveira refers to the female figure in patriarchal society, the conservative image of women in the postmodern world, so this work focuses on the comparative study between two textual genres. produced by the writer. They are: *Woman Leaning on the Broom* (1989) and the other, *Brooms* (2017), the first being written in verse and the second produced in prose. Given these textual genres, it will be demonstrated the lyricity present in both the poem and the naveirian chronicle, because poetry is in the eye of the beholder, the poetic tone, besides being present in a poem, can also be in other types of poetry texts, even a landscape, a work of art or a song. To prove that a text does not necessarily have to have its structure in verse to have poetry in it, this work draws on the theories of Salvatore D'Onofrio (1995), Octávio Paz (1982), José Guilherme de Merquior (1972), Giorgio Agamben (2002), Roman Jakobson (2003) and

¹ Mestranda em Letras na Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul.

² Doutora em Letras pela Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho". Professora Adjunta da Universidade Estadual de Mato grosso do Sul. E-mail: zelianolasco@uems.br.

I Encontro de Pesquisas em Linguística e Literatura dos Programas de Pós-graduação em Letras da UEMS/CG – *Letras Compartilhadas*

Marcos Siscar (2015). Despite the structural oppositions between prose and poetry, Raquel Naveira conveys poetry independent of the highlighted textual genre.

Keywords: lyricism; poetry; prose; Raquel Naveira.

Introdução

Raquel Naveira, nascida em Campo Grande - MS, aos 23 dias do mês de Setembro de 1957. A autora sul-mato-grossense demonstra desde muito cedo seu interesse pela literatura, seu primeiro contato com o mundo literário foi por volta dos oito anos de idade, lendo os contos de Monteiro Lobato.

Depois disso, seu interesse pela literatura foi só aumentando, escolheu como profissão o magistério, estreitando os laços com o mundo das letras. Desde o lançamento do seu primeiro livro aos 31 anos de idade, a escritora tem sido uma colaboradora ativa na construção literária de Mato Grosso do Sul.

Autora de uma quantidade considerável de livros, Raquel Naveira iniciou a carreira de escritora publicando poemas, mas demonstrou ter afinidade também com outros gêneros literários, além de poemas, publicou prosa, drama, ensaio e até mesmo literatura infantil e juvenil.

Além de demonstrar desenvoltura passeando pelos diversos gêneros textuais, igualmente diversificada é a temática trabalhada por Naveira, a escritora perpassa pelo regionalismo, pelo nacional e pelo universal, além de buscar influência de diversas escolas literárias, principalmente a escola Clássica.

Mesmo sendo dinâmica em suas temáticas, Raquel Naveira não abre mão da poesia em qualquer uma de suas produções, seja qual for o gênero escolhido pela autora, observa-se o tom lírico evidente nas publicações naveirianas.

Diante disso, analisar-se-á o tom poético em duas publicações da escritora, no texto em verso, o poema “Mulher Encostada na Vassoura” (1989) e no texto em prosa, a crônica “Vassouras” (2017). Além da liricidade, trar-se-á a temática religiosa e feminina, traços comuns nas obras naveirianas desde seus primeiros escritos.

Lírica na prosa e na poesia

Apesar de a lírica ser um gênero inicialmente ligado à poesia, tendo seu passado atrelado à música, destinava-se especificamente aos cantos. Devido à sonoridade trabalhada nos poemas, pois

I Encontro de Pesquisas em Linguística e Literatura dos Programas de Pós-graduação em Letras da UEMS/CG – *Letras Compartilhadas*

segundo Salvatore D’Onofrio (1995), a *Lyra*, instrumento musical de corda era utilizada pelos gregos para acompanhar os versos poéticos.

Inicialmente, música, poesia e dança eram um todo, a música era composta para o poema. Atualmente, as duas artes juntas se perdem, “*toda vez que se tenta reunir ambas as artes, a poesia se perde como palavra, dissolvida nos sons*” (PAZ, 1982. p.340). O início da imprensa contribuiu significativamente para a separação de ambas, a poesia deixou de ser algo que se diz e que se ouve, passou a ser algo que se lê e se escreve.

Com a decadência do poema narrativo e do verso dramático, segundo Merquior (1972), lírica e poesia passaram a ser confundidas, podendo um termo ser utilizado no lugar do outro sem qualquer problema, permitindo-se utilizar a terminologia lírica no lugar de poesia e vice-versa. Essa difusão entre os termos acabou tornando a lírica característica específica de uma determinada função linguística.

O gênero lírico, segundo Jakobson (2003), por meio do emissor/locutor do processo comunicativo, ativa-se à função emotiva da linguagem humana, a chamada de função poética, se combinada à linguagem emotiva ou expressiva, focalizada na atitude do emissor, seja essa atitude fictícia ou real, o conteúdo da mensagem é chamado de lírico e possui seu enfoque na primeira pessoa do discurso, no emissor/locutor da mensagem.

O texto lírico carrega consigo os sentimentos, as emoções, o estado de alma, as impressões subjetivas do autor literário, por isso possui a função emotiva da linguagem.

O termo *Lírico* utilizado como adjetivo de um texto pode ser notado como um estado de alma, uma disposição sentimental do eu poético, uma explosão de sentimentos, sensações e emoções. Assim, a lírica pode ser partilhada por todo gênero, dito propriamente literário, e não necessariamente uma característica do poema, pois a literatura é a imitação de tudo, inclusive das ações da vida humana, é a verossimilhança com o real; e, “*A lírica é, por conseguinte, uma forma de imitação*” (MERQUIOR, 1972. p. 3).

Trata-se da mimese literária, a imitação genérica constituída por símbolos linguísticos que atingem um plano de ficção igualmente universal, por meio de uma reprodução do concreto e particular, o fingimento de mundo que distingue o texto literário dos outros textos.

Poesia e lírica se difundem, não apenas nas terminologias que podem ser substituídas uma pela outra sem problema, mas se difundem nos seus significados. Merquior (1972) define a lírica como imitação, e Paz (1982) define poesia como imitação dos antigos, cópia do real, cópia de uma cópia da Ideia. Volta-se, no entanto, a definição de lírica e poesia como sendo mimese literária.

I Encontro de Pesquisas em Linguística e Literatura dos Programas de Pós-graduação em Letras da UEMS/CG – *Letras Compartilhadas*

Octavio Paz (1982) em *O Arco e a Lira* apresenta o distanciamento entre poema e poesia. O autor revela que poema é uma criação, uma obra, o texto com mecanismo retórico, estrofes, metros e rimas, e que a poesia pode estar contida ou não no poema, nem todo poema que contém sua forma métrica, estilística correta possui poesia, esta pode existir em outras formas, nas paisagens ou mesmo nas pessoas, no olhar de quem a enxerga.

Somente por meio da poesia é possível distinguir criação e estilo, obra de arte e utensílio, ela transforma a pedra, a cor, a palavra e o som em imagens. Se a poesia for reduzida aos poemas, o que há de ser da prosa? Lembrando que, de acordo com seu étimo grego, poesia indica todo fazer artístico em qualquer criação literária.

Em *O fim do poema*, Giorgio Agamben (2002) traz justamente essa crescente discussão, a questão de identidade entre prosa e poesia; para o autor, os questionamentos surgem porque a poesia vive na tensão entre o som (semiótica) e o sentido (semântica), o choque entre os dois gêneros acontece devido a metáfora filosófica que está bem presente na prosa.

O texto de Agamben foi publicado no momento em que se anunciavam o fim das vanguardas, momento de discussão sobre a crise da arte, o autor aproveita o instante para tratar da transposição da poesia para outro gênero literário. Desse ponto traz a definição de poema e prosa.

O primeiro é definido como um discurso de oposição entre recursos métricos e sintáticos, onde as rimas são antagonistas do som e do sentido das palavras, já o segundo, é definido como um discurso onde não cabe essa oposição entre métrica e sintaxe, pensamento construído diante de todos.

O autor Giorgio Agamben (2002) relata que há um critério de distinção entre prosa e poesia, o *enjambement*, uma maneira de identificar o verso em relação à prosa, terminologia que define o hibridismo de todo discurso humano, a oscilação entre esses dois tipos de textos.

O *enjambement* é considerado um gesto ambíguo que anda em direções opostas, quando caminha para trás, num gesto de retrocesso, segue em direção ao verso, quando segue para frente, avançando, anda em direção à prosa; para trás porque para compor o campo das “Belas Artes”, em séculos anteriores, a narrativa se apresentava em versos, os conhecidos textos épicos, e para frente, pois o texto em prosa está ligado contemporaneidade, o que permite a utilização dos recursos da poesia na narrativa.

O fim do poema não significa seu extermínio, mas uma crise que o permeia, pois a mesma tensão que o ameaça, é a mesma tensão que o mantém, permanecendo-se então, resistente ao tempo.

I Encontro de Pesquisas em Linguística e Literatura dos Programas de Pós-graduação em Letras da UEMS/CG – *Letras Compartilhadas*

Porém, no momento em que o texto poético se finda, no seu último verso já não se pensa mais em *enjambement*, o que implica a possível transposição para o texto em prosa. Segundo Agamben (2002), o verso final do poema arruína a si próprio, perdendo toda a essência da poesia, como se o texto não tivesse final, dando assim, lugar à prosa. O poema se interrompe, na maioria das vezes, de forma brusca, parecendo perder o fôlego, caindo-se no silêncio.

A escritora de poemas, prosas e outros gêneros, Raquel Naveira, em algumas de suas produções apresenta o mesmo conteúdo em gêneros textuais diferentes, porém é perceptível que, apesar de nos textos em prosa serem encontrados elementos da poesia, a narrativa, muitas vezes explica o poema. Abaixo o poema *Mulher Encostada na Vassoura*.

Tirou pela milésima vez
O pó da cristaleira,
Daqueles objetos que a prendiam
Com sua necessidade de lustro.

Varreu os cantos da sala;
A poeira refletida
Pareceu-lhe um brinquedo,
Uma nuvem colorida.

Encostou as mãos na vassoura,
Apoiou o queixo
E ficou assim,
Equilibrada no cabo,
Uma vontade do diabo de chorar...

Pela janela
Viu um recorte de quadro
Ou de mundo.

Foi só um instante...
Sobra tempo pra chorar
Quando é preciso lustrar e varrer todos os dias?

(NAVEIRA, 1989, p.67)

I Encontro de Pesquisas em Linguística e Literatura dos Programas de Pós-graduação em Letras da UEMS/CG – *Letras Compartilhadas*

No poema, a autora apresenta o eu-lírico em terceira pessoa, distanciando o texto do leitor, este acaba apenas assistindo a cena descrita. Os sentimentos deixam de ser subjetivos e tornam-se uma percepção do eu-poético, “*Pareceu-lhe um brinquedo*” (NAVEIRA, 1989, p.67).

Já na crônica intitulada *Vassouras* (2017), Raquel Naveira apropria-se, de forma estratégica, do narrador em primeira pessoa para que, por meio desse foco narrativo, possa estar ao centro da trama e aproximar o leitor implícito da narrativa, além de transmitir veracidade dos sentimentos transmitidos.

São pesadas as responsabilidades domésticas. Varro todos os dias os cantos da casa. A poeira refletindo a luz do sol parece um prisma colorido. Encosto as mãos na vassoura, apoio o queixo, fico equilibrada no cabo, vendo a paisagem da janela. (NAVEIRA, 2017. p.180)

No entanto, assim como no poema, a crônica de Raquel Naveira intitulada *Vassouras*, por meio da voz feminina do narrador, também vem abordando o mesmo assunto do poema, mostrando ao leitor a forma meticulosa do afazer doméstico ligado à figura da mulher, uma condição feminina desde o período medieval, imposto por uma sociedade patriarcal, o ato de varrer seu lar, ato que está ligado até mesmo aos padrões religiosos.

Para a igreja, o modelo de mulher frágil, dependente e submissa, que resiste até os dias atuais, colabora para o sistema de família patriarcal e se aproxima de um ideal de “garantia” a moral e ao matrimônio.

Na crônica, o narrador-personagem descreve que por meio de seu ato, até mesmo as sujeiras ocultas, espirituais serão varridas, dando lugar para os anjos. Mais uma vez, percebe-se essa atitude doméstica ligada à figura feminina, deixar sua casa limpa, mantendo a ordem, o equilíbrio, a mulher como uma figura idealizada, como um ser sobrenatural e que atingirá esse objetivo por meio das tarefas que estão relacionadas ao seu perfil.

Mesmo que apresentada nessa condição, de cuidadora do lar, a figura feminina nos textos de Naveira, não é tratada como objeto, mas como sujeito da situação que mantém os valores tradicionais, mostra a dificuldade e o prazer de se permanecer assim.

Tratando-se da temática dos textos, a crônica acaba preenchendo lacunas que são apenas decifráveis pelo leitor no poema, ou seja, no texto em prosa estão explícitos os pensamentos do narrador sobre a responsabilidade do afazer doméstico.

A distinção óbvia entre o poema e a crônica está, primeiramente, em suas estruturas textuais, na preocupação com a métrica e com a sonoridade exposta pela autora, Raquel Naveira

I Encontro de Pesquisas em Linguística e Literatura dos Programas de Pós-graduação em Letras da UEMS/CG – *Letras Compartilhadas*

explora e brinca com as assonâncias e aliterações no poema, o fonema /s/, por exemplo, parece remeter ao ato da varredura.

Esse fonema é perceptível desde o título do texto “Mulher encostada na vassoura”, no decorrer do poema nas palavras vez, cristaleira, daqueles, objetos, sua, necessidade, lustro, os, cantos, sala, pareceu, assim, só, instante, sobra, preciso, lustrar, todos e dias.

O fonema /s/ está mais presente nas primeira e segunda estrofe, quando eu-lírico descreve a mulher envolvida com os serviços domésticos, o som vai diminuindo na terceira estrofe, no momento em que a personagem se equilibra na vassoura com vontade de chorar, o som /s/ é totalmente silenciado na quarta estrofe, instante em que o eu-poemático tira o foco da mulher e repara na imagem pela janela.

O recurso de aliteração retorna na última estrofe, quando o foco retorna à personagem e esta se recompõe e volta aos afazeres da casa. A aliteração também está presente no fonema /r/ que parece reforçar ou “enroscar” a vassoura enquanto a mulher varre a casa, os sons /r/ e /s/ acabam se misturando. O fonema /r/ está presente nas seguintes palavras: tirou, cristaleira, prendiam, lustro, poeira, pareceu, brinquedo, colorida, equilibrada, chorar, quadro, sobra, pra, preciso e lustrar.

Mesmo diante da distinção visível entre os textos de Raquel Naveira, pode-se apontar entre eles algumas semelhanças. O mesmo paradoxo presente no poema, também está presente na crônica, tanto o narrador quanto o eu-lírico apresentam a tarefa doméstica como trabalho difícil e cansativo, mas em seguida, divertem-se com um prisma colorido formado pela luz e pela poeira retirada dos móveis.

Nos dois textos, depois de se distrair com a poeira refletida na luz, a personagem retorna à consciência de seu afazer, equilibrando seu queixo na vassoura dividida entre os seus pensamentos e o mundo real, olha pela janela e diante de si, enxerga apenas um recorte do mundo lá fora, um quadro, como apresentado no poema; na crônica o narrador-personagem admira a paisagem pela janela.

Essa é uma característica comum entre os textos, a digressão utilizada pela autora. No poema, a digressão ocorre quando a mulher se encosta na vassoura, há uma pausa na ação da mulher para o recorte da paisagem na janela, depois retorna-se a atenção para ela. O leitor apenas supõe o que vem nos pensamentos da mulher nesse instante. Na crônica, a digressão ocorre no mesmo momento, quando a mulher se apoia na vassoura, porém se sabe por onde seus pensamentos transitam, eles perpassam pelo misticismo, pela história, pela memória e pela literatura.

I Encontro de Pesquisas em Linguística e Literatura dos Programas de Pós-graduação em Letras da UEMS/CG – *Letras Compartilhadas*

Como na narrativa em prosa o narrador tem mais possibilidades de descrever, enriquecer os detalhes, acrescentar o que não foi dito no poema, esse narrador-personagem, enquanto continua sua missão de limpar a casa, começa associar a vassoura que tem nas mãos com figuras famosas, como a do ex-presidente do Brasil Jânio Quadros que usou o objeto como símbolo de sua campanha, do poeta Manuel Bandeira que escreveu um poema em que conta sobre vento que não assopra, mas varre tudo, como num ato de limpar tudo o que não faz bem.

Ainda se lembra da poetisa americana Emily Dickinson, esta escreveu sobre a dona de casa que durante a escuridão varria o céu com sua vassoura multicores. Além de trazer com riqueza de detalhes a mulher da parábola bíblica sobre a dracma perdida.

Enquanto está equilibrada com o queixo na vassoura, nos dois textos, a(s) mulher (es) sente(m) uma vontade enorme de chorar, mas nos versos, o eu-lírico diz que a mulher nem tem tempo para sentir suas emoções diante de tanto serviço. Já no texto em prosa, o narrador se autoconsola e diz que não vai chorar porque o ato de varrer está ligado ao misticismo, “*a varredura é um serviço de culto, que precisa ser executado com mãos puras*” (NAVEIRA, 2017. p. 180).

A temática bíblica é sempre recorrente nas produções de Naveira, talvez a justificativa venha da própria escritora, que em entrevista à Maria Sá Rosa e Albana Xavier (2011), diz ser uma leitora assídua do Livro Sagrado.

No momento da descrição sobre a parábola, o narrador naveiriano, em meio à faxina, pega na estante um livro de gravuras sobre as heroínas da Bíblia. Eis o trecho em destaque:

Lá está a figura de Millais, o ilustrador inglês: uma mulher com vestido azul cinzento, véu de algodão na cabeça, segurando de um lado a chama de azeite e do outro a vassoura de palha seca. Atrás um recorte em arco, as nuvens entre folhagens. Quanta alegria em encontrar aquilo que estava perdido e leva-lo à comunhão no amor. (NAVEIRA, 2017. p. 180 – 181)

Diante do texto em prosa e do texto em verso, percebe-se pelo detalhamento feito pela autora que a inspiração ao compor os textos possa ter vindo mesmo pela apreciação da pintura feita por John Everett Millais.

I Encontro de Pesquisas em Linguística e Literatura dos Programas de Pós-graduação em Letras da UEMS/CG – *Letras Compartilhadas*

FIGURA 1 – The Lost Piece of Silver



Disponível em: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Parable_of_the_Lost_Coin.jpg

Nos textos, primeiramente, o ato de varrer parece algo banal e cansativo para as personagens, brincam com o serviço e, de repente, desesperam-se com a vontade de chorar, como deve ter ocorrido com a figura feminina da parábola bíblica, esta, provavelmente sentiu desespero e ficou angustiada ao perder sua moeda.

Então, a heroína da Bíblia “engoliu” o choro, assim como as personagens naveirianas e (re)começou cuidadosamente seu afazer doméstico com o intuito de recuperar a dracma perdida, uma das moedas recebidas pelo dote matrimonial.

Outra semelhança entre as produções de Raquel Naveira e a pintura de Millais é o detalhe da janela, nos textos, as personagens equilibram o queixo na vassoura e olham uma parte do mundo lá fora pela janela, como se tudo passasse sem sua(s) presença(s). Na obra do pintor também existe um recorte da paisagem pela janela, enquanto a mulher está atenta ao trabalho, a natureza permanece estática ao fundo da obra, imagem despercebida pela mulher, mas aparente para seu leitor.

Mediante o exposto, percebe-se que Raquel Naveira tem uma afinidade com a poesia, inclusive, a autora relatou em uma entrevista à rádio Senado que não abre mão da poesia em seus textos e de um trabalho profundo com a linguagem, assumindo assim, um compromisso com a poesia em todas as suas publicações, seja em qual for o gênero. Numa roupagem diferente a do poema, nas crônicas, a escritora traz os elementos da poesia.

I Encontro de Pesquisas em Linguística e Literatura dos Programas de Pós-graduação em Letras da UEMS/CG – *Letras Compartilhadas*

Conclusão

Por meio da pesquisa apresentada, nota-se a importância das obras naveirianas, não somente para Mato Grosso do Sul, mas também para a literatura universal, principalmente pela maneira como trata a temática da imagem feminina relacionada à tarefa doméstica, numa visão conservadora que alia o trabalho à beleza e à delicadeza da mulher, ainda fazendo uma intertextualidade com a parábola bíblica da dracma perdida e a pintura de John Everett Millais.

Comparando as produções em versos e em prosa de Raquel Naveira, foi possível concluir que a autora desenvolve um trabalho minucioso com a escrita, ela tem a preocupação em manter o tom poético em todos os gêneros textuais publicados, a autora apresenta um olhar peculiar diante de um assunto aparentemente banal, apresentando o olhar feminino sobre a figura feminina.

O poema *Mulher encostada na vassoura* (1989) traz as características próprias do gênero, Naveira desenvolve no texto o conteúdo emocional, dando-lhe ritmo e sonoridade através de alguns recursos literários, como as figuras de linguagem. Porém, o artigo deu uma atenção especial à crônica *Vassouras* (2017), na maneira interessante que escritora insere elementos poéticos no texto em prosa.

Assim, as crônicas da escritora sul-mato-grossense, mesmo não possuindo a estrutura dos poemas, rimas, formas e métricas, podem ser consideradas a poetização do cotidiano, explorando a temática do “eu”, o “eu” como assunto e narrador ao mesmo tempo, são as chamadas crônicas líricas.

Uma das marcas da crônica lírica naveiriana é a subjetividade, a linguagem emotiva, a visão pessoal do cronista, sem formas de impessoalidade, o texto se apresenta como um monólogo interior, uma conversa com o leitor implícito, essa subjetividade fica clara na aquisição do narrador com foco em primeira pessoa, uma distinção em relação ao poema observado, este possui um eu-lírico em terceira pessoa, distanciando as ações de seu leitor.

A narrativa de Naveira é o tipo de crônica que carrega consigo os elementos da poética, a emoção do narrador, seus vários sentimentos em um relato curto e direto. A autora mune-se de recursos literários, usando figuras de linguagens, principalmente as digressões ao conversar com outras obras e recorrer a fatos históricos. Marcos Siscar (2015) denomina o texto em prosa como sendo um “novo lirismo”.

I Encontro de Pesquisas em Linguística e Literatura dos Programas de Pós-graduação em Letras da UEMS/CG – *Letras Compartilhadas*

Espera-se que, mesmo de forma sucinta, esta pesquisa tenha contribuído e venha dar continuidade a estudos acadêmicos posteriores sobre a literatura produzida em Mato Grosso do Sul, sobre a temática e maneira poética com que a escritora Raquel Naveira produz suas obras.

Referências

- AGAMBEN, Giorgio. *O fim do poema*. Cacto, São Paulo, n.1, p. 142-149, ago. 2002.
- JACKOBSON, Roman. *Linguística e Poética*. In: JACKOBSON, Roman. Linguística e Comunicação. Trad. Izidoro Blikstein & José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix, 2003.
- MERQUIOR, José Guilherme. *A natureza da lírica*. In: MERQUIOR, José Guilherme. A astúcia da mimese. Rio de Janeiro: TopBooks, 1997.
- NAVEIRA, Raquel. *O Avião Invisível*. Rio de Janeiro: Ibis Libris, 2017.
- NAVEIRA, Raquel. *Via Sacra*. Campo Grande/MS: Sergraph, 1989.
- PAZ, Octávio. *Signos em Rotação*. In: PAZ, Octávio. O arco e a lira. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.
- ROSA, Maria da Glória Sá; NOGUEIRA, Albana Xavier. *A literatura sul-mato-grossense na ótica de seus construtores*. Campo Grande, MS: FIC/MS – Investimento do Fundo Cultural do Estado de Mato Grosso do Sul, 2011.
- SISCAR, Marcos. *Figuras de prosa: a ideia da "prosa" como questão de poesia*. In: SCRAMIM, Susana; SISCAR, Marcos; PUCHEU, Alberto. (Org.). O duplo estado da poesia: modernidade e contemporaneidade. 1. ed. São Paulo: Iluminuras, 2015.